

RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL NO CONTEXTO SUL AMERICANO

EXTENSIVAS À AMÉRICA LATINA

*Por Rui Tavares Maluf**

SUMÁRIO

Apresentação

Introdução

O quadro atual

Regimes políticos e relações externas

América do Sul na redemocratização dos anos 80

Comércio exterior: indicador das relações internacionais

Exportações

Exportações para América Central e Caribe

Exportações para o México

Importações

Importações da América Central e Caribe

Importações provenientes do México

Saldo comercial

Corrente de comércio

A participação das nações e blocos no comércio do Brasil

Estudos sobre países da América do Sul

Algumas considerações

Referências bibliográficas e fontes de consultas

Apresentação

O documento ora disponibilizado integra os conteúdos tratados na disciplina de Formação e Desenvolvimento Político do Brasil para a turma do 7º semestre do curso de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política do Brasil (FESPSP), tendo sido elaborado em sua versão inicial especialmente para os alunos do autor de forma a conferir-lhes suporte às aulas, sem prejuízo da utilização da bibliografia prevista para o curso. A ideia do presente escrito, que veio a ser revisado e atualizado por duas vezes (como dos demais produzidos pelo autor), é de que este possa ser consultado por qualquer um, mesmo de fora da instituição devido à localização em sítio eletrônico pessoal, solicitando, todavia, que o mesmo tenha a fonte citada em caso de utilização em trabalho de terceiros.

Introdução

Só mais recentemente na história do Brasil independente, especialmente com a redemocratização do Brasil acentuada em 1985 com a assunção do primeiro governo civil após quase vinte e um anos de regime autoritário e dirigido por militares, é possível afirmar que o Brasil passou a conhecer melhor e a se relacionar mais estreitamente com os países da América do Sul, sendo a recíproca verdadeira, a despeito de sua área geográfica do Brasil ocupar 47,78% da América do Sul desde que todos os países e regiões tiveram reconhecido seus territórios atuais¹, e de fazer fronteira física com quase todos os países e, ainda, com o departamento da Guiana Francesa (ou seja, com a própria França), exceção a Chile e Equador, bem como sua população representar 49,67% do total continental. Interessante fazer tal registro por não terem faltado problemas e desafios para o Brasil, mas igualmente para os outros do continente desde a independência de cada um de suas respectivas metrópoles (a maioria tendo ocorrido na primeira metade do século XIX e uma minoria na segunda metade do século XX). De certa forma, problemas significam a existência de relações oficiais ou não, conquanto pareça seguro que as relações exteriores de dois ou mais governos tendam a elevar o padrão do relacionamento e, quase invariavelmente, significam ao menos um fluxo comercial, ou seja, exportações e importações de mercadorias, e, de serviços. Melhor ainda quando estas relações vão bem além destes itens econômicos e alcançam outros campos, tais como ciência e cultura, e mesmo o da segurança comum em face ao crescimento das várias ameaças decorrentes do tráfico internacional de armas e drogas. Um dos pressupostos para a ocorrência de relacionamento é obviamente a existência de problemas objetivos que se apresentam e, igualmente o conhecimento que se dispõe sobre os outros.

Em boa parte da história do Brasil independente parece ter havido muita ênfase da política exterior orientada para alguns países da Europa Ocidental e para os EUA, denotando, ainda, resquícios de um passado colonial, pois, sem prejuízo de reconhecer a importância de bons relacionamentos com o maior número possível de nações², talvez este foco não acarretasse benefícios significativos para o País. É fato, porém, que o Brasil ampliou seu leque de relacionamentos antes mesmo da vigência do atual regime democrático procurando levar em consideração o desenvolvimento de políticas de estado e calibrando o peso de seu território, população e economia no contexto internacional. De qualquer forma, não parece ter dado a

¹ - Alguns pequenos litígios ainda permanecem, como os relacionados à região de Essequibo na Guiana, cujo território é em grande parte reclamado pela Venezuela. Dificilmente esse e outros conflitos serão alterados mediante arbitramento internacional uma vez que decisões preliminares parecem ter sido bem claras.

² - O Brasil possui atualmente relações bilaterais com as 197 nações que tem assento na Organização das Nações Unidas (ONU), além da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral e da União Europeia.

devida importância que poderia se esperar de uma nação semicontinental que partilha fronteiras terrestres com vários países do continente.

Diante do exposto, meu objetivo no presente artigo é duplo, ou seja, explorar um pouco a reflexão sobre os estudos do Brasil em sua política internacional com os países sul americanos, bem como os relacionamentos entre seus membros, tendo em conta os ambientes político-institucionais nos quais tais relacionamentos se deram. Tudo isso tendo a seguinte pergunta de fundo: as relações exteriores do Brasil, particularmente na América do Sul, são reveladoras do desenvolvimento político do Brasil?

O quadro atual

É fato notório que o Brasil procurou redirecionar drasticamente sua política internacional a partir da eleição e posse de Jair Messias Bolsonaro na presidência da República e a consequente nomeação do diplomata Ernesto Araújo³ para o cargo de ministro das Relações Exteriores conferindo-lhe caráter nitidamente ideológico. No plano mais de fundo o governo brasileiro alinhou-se sem qualquer reserva ao dos Estados Unidos da América (EUA), por este ser à época governado por Donald Trump (2017-2021), a quem o presidente brasileiro devota pública e irrestrita admiração. Em sentido oposto⁴, rejeitou abertamente a China com a justificativa de ser nação baseada em um regime político autoproclamado comunista e dar a entender que o país teria criado deliberadamente o vírus da covid-19, apesar de a condução política feita pelo ministério das Relações Exteriores do Brasil se chocar com as pastas econômicas do mesmo governo (particularmente com o ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), as quais tem o país asiático como parceiro da maior importância no comércio exterior, em investimentos e nos insumos para a fabricação das vacinas contra a covid-19. No âmbito da América do Sul, o presente governo procura explicitamente se distanciar da Argentina, especialmente a partir da eleição em 2019 de um presidente egresso do *peronismo-kirchnerista* e revisar o *Mercosul*⁵ ao qual o mandatário brasileiro fez questão de se opor ainda durante a campanha do país vizinho e decidir não comparecer à sua posse. E ainda tornar mais severa a condenação ao regime autoritário da Venezuela, mesmo que o governo do ex-presidente Michel Temer já o fizesse tanto no âmbito da relação bilateral quanto no Mercosul e ainda no fórum da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Mas nem sempre as preferências do governo se materializam no curso das relações externas, por mais insistentes e estridentes que possam ser os movimentos e as palavras usadas pelo presidente da República e pelo seu ex-chanceler, seja por haver divisão interna no próprio alto escalão do governo e igualmente de setores econômicos relevantes nacionais,

³ - O diplomata permaneceu 28 meses no cargo, sendo substituído na primeira semana de abril de 2021 pelo embaixador Carlos Alberto Franco França, quem atuava até então no cerimonial da presidência da República e, tal como o antecessor, sem ter dirigido qualquer embaixada. Todavia, sua nomeação revelou uma inflexão na ideologização da política externa uma vez que o novo titular parece refletir a tradicional marca do Itamaraty.

⁴ - Em sentido oposto, mas aliado ao então governo Trump, que intensificava um aberto conflito comercial com o governo chinês acusando-o de práticas desleais e de “roubar” empregos dos EUA. No entanto, a capacidade de enfrentamento e de interesses estratégicos de EUA e do Brasil em relação à China é profundamente distinto.

⁵ - É fato que o Mercosul em seus 30 anos de existência (integrado em sua situação plena por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), já era objeto de questionamento havia muito tempo e, de certa forma, também já vinha sendo repensado no governo do ex-presidente Temer, com argumentos plausíveis, mas que não são aqui analisados. De qualquer forma, com a conclusão das negociações em busca de acordo comercial com a União Europeia as quais tiveram início há duas décadas, o próprio governo Bolsonaro, que tanto desprezara em sua campanha eleitoral a ênfase em tal relacionamento, comemorou o sucesso da conclusão favorável, fato este que no início do governo desacelerou o choque com o bloco, conquanto passado algum tempo tenha recrudescido seja pela conduta autoritária e anticientífica do governo, bem como as agressões ao meio ambiente, e, também, o protecionismo de vários governos europeus.

acrescentando-se o fato mais recente de que seu maior aliado, Donald Trump, foi derrotado na tentativa de reeleição em novembro de 2020 e o novo governo norte-americano ter recolocado o país nas grandes agendas internacionais. Exemplo mais claro se dá nas próprias trocas ministeriais materializadas no início de abril de 2021, parte delas decorrentes das negociações encetadas com setores do Congresso Nacional (CN) que lhe passaram a dar mais sustentação parlamentar, conhecidos por *Centrão*. Interessante, neste sentido, observar o portal eletrônico da chancelaria brasileira, a qual passou por modificações na presente gestão, destacando informações gerais e específicas sobre as relações bilaterais do Brasil nas Américas e no mundo como que para desmentir que a política exterior perca de vista leque mais amplo de interesses e que os países do continente e da América Latina sejam esquecidos.

Regimes políticos e relações externas

De forma geral, países com o porte do Brasil e dos demais países da América do Sul, ainda que haja variações muito significativas entre esses, se pautam por razoável dose de objetividade e pragmatismo e deixando em segundo plano, ou quase ignorando suas preferências políticas e ideológicas. Isto já ocorria no Brasil em parte do regime autoritário militar quando o mundo ainda operava sob o manto da *Guerra Fria*⁶. Por outro lado, em quase todos os países do continente e de fora, a palavra democracia está regularmente no discurso de seus governantes, mesmo que muitos regimes pelo mundo afora, e também na América do Sul, sejam autoritários ou até totalitários. Destaco este possível paradoxo uma vez que em qualquer processo de conhecimento e análise das relações internacionais não é possível simplesmente ignorar os regimes existentes como forma de conhecer e entender as eventuais diferenças entre o que se pode chamar de *políticas circunstanciais de governos da ora* e *políticas de estado*. Ainda que se enfatize em vasto campo da teoria das relações internacionais que o *realismo* orienta as ações dos governos na política externa, e por este se entende quase invariavelmente tanto perseguir políticas de estado acrescido da imposição da realidade. Até certo ponto, é possível desalinhar regime político dos países de sua política exterior e também das relações econômicas com o exterior.

Ora, a América do Sul como também a América Central experimentaram em larga parte da vida de suas nações independentes países sob regimes autoritários ou mais duradouros ou menos, valendo o mesmo para os democráticos, embora para a maioria destas nações, altas doses de tensão política predominam mesmo em períodos democráticos nos quais há a vigência do estado de direito. A explicação comumente oferecida por diversos analistas para a existência de tantas interrupções dos regimes democráticos é que as duas américas seriam o “*quintal*” dos EUA durante a *Guerra Fria*, e antes disso área de interesse dos imperialismos britânico, francês, alemão, e também dos EUA.

Com o final da Guerra Fria (e quase concomitantemente a esta) e da democratização ou redemocratização de vários regimes políticos, as relações internacionais bilaterais e regionais

⁶ - Já ocorria, mas não era total uma vez que o País não mantinha relações diplomáticas com a União Soviética por esta ser comunista e, talvez por razão mais forte, sendo comunista e a segunda superpotência do planeta em termos militares. E também não as mantinha com Cuba pelo símbolo que esta representava no confronto direto entra as duas superpotências e, também, por estar na América Latina. Mas com a China, o Brasil estabeleceu relações diplomáticas em 1974, dois anos após o governo dos EUA, a terem feito.

tiveram incremento. A despeito de como estas se deram na fase em que o autoritarismo prevaleceu, já havia em vários países interesses que precisavam ser atendidos por políticas de cooperação entre outras, tais como migrações internas, tráfico de drogas crescente, bem como oportunidades de negócios.

América do Sul na redemocratização dos anos 80

Para o Brasil e outros países da América do Sul a década de 80 significa a redemocratização dos sistemas políticos, ainda que apresentando variações importantes entre cada um. Até então o Brasil, que faz fronteiras terrestres com dez dos 12 países (considerando Guiana Francesa como país), tinha relações de amizade com seus vizinhos (extensivas ao Chile e Equador), porém de caráter mais protocolar, de ralo comércio (à exceção de alguns municípios de fronteira) e de muita desconfiança uma vez que os regimes políticos autoritários de vários desses operavam sob a ótica da *Guerra Fria*, que potencializava dificuldades históricas anteriores devido os aspectos culturais das colonizações luso-hispânicas.

Tabela 1 <i>Extensão em km das fronteiras terrestres do Brasil</i>	
Argentina	1.261,3
Bolívia	3.423,2
Colômbia	1.644,2
Guiana	1.605,8
Guiana Francesa	730,4
Paraguai	1.365,4
Peru	2.995,3
Suriname	593,0
Uruguai	1.068,1
Venezuela	2.199,0
TOTAL	16.885,7

Desse modo é possível admitir que se não fosse o tamanho das fronteiras do Brasil, as relações internacionais praticamente inexistiriam. Lamentavelmente, muito da cooperação do Brasil com outros países (como Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai) se deu pelo fato de se constituírem em regimes autoritários anticomunistas que desejavam controlar e reprimir seus cidadãos que viviam em alguns desses países criando a chamada *Operação Condor*. E sob o governo do general Emílio G. Médici o Brasil se envolveu na desestabilização e queda do governo do então presidente constitucional de Salvador Allende, do Partido Socialista.

Comércio exterior: indicador das relações internacionais

É difícil encontrar um exemplo qualquer no mundo contemporâneo de países que possuam bom relacionamento diplomático entre si sem que apresentem ao menos razoável *corrente de comércio*⁷ mútuo. Mas o inverso não é verdadeiro. É comum observar países com relacionamentos diplomático e político sofríveis que ainda assim realizam comércio, à exceção de quando um país sofra embargo diplomático ou haja rompimento oficial de relações. Com isso quero afirmar que esta vertente da atividade econômica é um dos elementos mais importantes da vida das sociedades, ou o próprio desdobramento do comércio nacional. Não há como pensar em sociedades complexas sem comércio. Vale, portanto, mensurar isso verificando quatro indicadores do comércio internacional, a saber: 1) exportações; 2) importações; 3) saldo comercial; e, 4) corrente de comércio do Brasil pondo em tela os principais países e recorrendo à comparação de dados sobre os valores transacionados do primeiro quadrimestre de 2021 com igual período de 2020.

Exportações

Acompanhe a tabela 2 extraída da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia do Brasil.

TABELA 2				
Exportações do Brasil nos primeiros quadrimestres (janeiro a abril) de 2021 e 2020, por países, em dólares FOB, considerando as variações absoluta e percentual do período				
PAÍS	2021	2020	VARIAÇÃO 2021/2020 (ABS)	VARIAÇÃO 2021/2020 EM %
China	27.626.396.845	20.269.271.539	7.357.125.306	36,30
Estados Unidos	7.910.850.019	6.936.623.484	974.226.535	14,04
Argentina	3.505.307.738	2.641.000.746	864.306.992	32,73
Países Baixos (Holanda)	2.492.438.278	2.393.264.007	99.174.271	4,14
Chile	1.702.730.284	1.160.940.847	541.789.437	46,67
Alemanha	1.678.425.677	1.257.420.577	421.005.100	33,48
Coreia do Sul	1.677.490.149	1.211.094.476	466.395.673	38,51
Singapura	1.454.944.538	1.505.964.372	-51.019.834	-3,39
México	1.449.308.906	1.261.803.920	187.504.986	14,86
Espanha	1.436.438.051	1.506.110.273	-69.672.222	-4,63
Canadá	1.428.660.655	1.227.043.235	201.617.420	16,43
Malásia	1.400.305.452	905.484.955	494.820.497	54,65
Japão	1.348.009.106	1.252.291.791	95.717.315	7,64
Índia	1.275.594.474	1.032.367.479	243.226.995	23,56
Itália	1.240.683.469	983.108.870	257.574.599	26,20
Bélgica	1.135.179.237	816.599.500	318.579.737	39,01
Reino Unido	1.007.348.548	748.151.701	259.196.847	34,64
SUB_TOTAL	59.770.111.426	47.108.541.772	12.661.569.654	26,88
<i>Outros 224 países</i>	<i>22.346.801.834</i>	<i>18.583.772.014</i>	<i>3.763.029.820</i>	<i>20,25</i>
TOTAL	82.116.913.260	65.692.313.786	16.424.599.474	25,00

Fácil verificar, tendo por linha de corte o primeiro quadrimestre de 2021 de valores exportados de no mínimo US\$ 1 bilhão, que a China disparadamente é a principal nação que os remunera. Para este país o Brasil obteve US\$ 27,6 bilhões em 2021, representando incremento de US\$ 7,35 bilhões em relação ao igual período de 2020, equivalendo a uma variação percentual bem acima do conjunto das nações para as quais o Brasil vendeu seus produtos. Bem distante em segundo lugar situa-se o EUA, seja nos totais de 2021 e 2020, quanto no das

⁷ - Corrente de comércio é a denominação que se dá para a soma das exportações mais as importações. É indicador mais robusto para compreensão de comércio em médio e longo espaço de tempo. Já o saldo da balança é exatamente o contrário, ou seja, a diferença entre exportações e importações, sendo mais indicado para a análise de curto e médio prazos.

variações absoluta e percentual. Ainda assim, trata-se do segundo principal receptor das mercadorias brasileiras e representa mais que o dobro do que o terceiro colocado e nosso principal parceiro no Mercosul, a Argentina. Independentemente da ordem nos valores e variações mensais e acumuladas por períodos dentro de um ano, estes países tem se apresentado como os principais no ranking. O Chile é o segundo país da América do Sul a comparecer entre os principais, mas em quinto lugar e não tendo tido a mesma posição em igual período do ano passado. Por outro lado, as exportações para esta nação representaram variação positiva percentual bem acima da obtida no total dos países. Talvez seja mais importante de constatar que não se encontra presente qualquer outro país do continente neste grupo que inclui 17 nações.

Exportações para América Central e Caribe

Dirigindo agora a atenção para os países e territórios da América Central e do Caribe nenhum isoladamente se constituiu em destino expressivo das exportações brasileiras, sendo que o mais relevante desses é o Panamá (tanto em 2020 quanto 2021) para o qual se vendeu um montante de US\$ 137.851.986 no primeiro quadrimestre de 2021 situando-se na 54ª posição, porém com desempenho negativo em relação ao ano anterior (-27,77%). Àquela a nação centro-americana também se encontrava à frente de países como Nigéria, Irã, Marrocos, mas que em 2021 a superaram como destinos.

Considerando o conjunto dos países da América Central e do Caribe os valores somados das exportações brasileiras somaram US\$ 954.534.319, ou seja, ficaram perto mas não atingiram US\$ 1 bilhão, conquanto tenham apresentado desempenho positivo frente ao primeiro quadrimestre de 2020.

Se o valor e o peso do comércio exterior são passíveis de alteração a cada período de tempo e parte desta variação cabe tanto ao esforço de grupos exportadores quanto a decisões político-legislativas (e também diplomáticas), isto por si só não tem a capacidade de produzir variações substantivas em prazo curto de tempo por simples ato de vontade de um governo.

Exportações para o México

Situado na América do Norte e integrando o vasto campo da chamada América Latina, o México é o 9º principal destino das vendas brasileiras pelo valor transacionado, apresentando variação negativa importante em relação ao primeiro quadrimestre de 2020 (14,86%).

Tanto na posição quanto no valor vendido, o México aparece melhor posicionado do que Espanha, Canadá, Itália, Bélgica e Reino Unido da Grã-Bretanha, que são poderosas economias e com as quais o Brasil mantém bom relacionamento.

Importações

Mudando a direção da atenção para as compras do Brasil, ou seja, as importações, o montante total também aumentou no primeiro quadrimestre de 2021 em relação ao de 2020. E nesse vetor, a China aparece novamente no primeiro lugar, secundada pelo EUA, mas com diferença menor

do que nas exportações. O terceiro lugar é ocupado pela Alemanha, e não pela Argentina, que aparece em seguida, muito próxima, em quarto lugar. Ou seja, ainda que os números gerais e mesmo particulares nas importações sejam distintos, a ordem ocupada pelas nações apresenta poucas diferenças substantivas.

TABELA 3				
<i>Importações do Brasil nos primeiros quadrimestres (janeiro a abril) de 2021 e 2020, por países principais em dólares FOB, considerando as variações absolutas e percentuais no período</i>				
China	13.920.890.573	12.138.445.897	1.782.444.676	14,68
Estados Unidos	10.721.521.420	11.507.743.713	-786.222.293	-6,83
Alemanha	3.513.881.912	3.478.088.237	35.793.675	1,03
Argentina	3.451.661.807	2.808.758.749	642.903.058	22,89
Japão	1.972.426.626	1.646.646.195	325.780.431	19,78
Coreia do Sul	1.907.680.732	1.364.570.038	543.110.694	39,80
Índia	1.868.024.943	1.484.097.018	383.927.925	25,87
Itália	1.756.949.935	1.370.498.495	386.451.440	28,20
México	1.504.239.707	1.392.923.734	111.315.973	7,99
Chile	1.467.057.027	981.065.426	485.991.601	49,54
França	1.440.600.050	1.487.932.228	-47.332.178	-3,18
Rússia	1.262.520.790	809.246.315	453.274.475	56,01
Paraguai	1.119.738.919	868.768.862	250.970.057	28,89
SUB-TOTAL	45.907.194.441	41.338.784.907	4.568.409.534	11,05
<i>Demais países (228)</i>	<i>17.971.383.393</i>	<i>15.398.595.507</i>	<i>2.572.787.886</i>	<i>16,71</i>
TOTAL GERAL	63.878.577.834	56.737.380.414	7.141.197.420	12,59

Recorrendo à mesma linha de corte de US\$ 1 bilhão, o grupo de países é de 13, isto é, menor do que no das exportações (17). A distância dos valores entre estas nações também é menos significativa do que nas exportações, o que sugere que estas últimas representem algo muito importante para a economia do Brasil e devem ser tratadas com o maior zelo pelo governo federal. Nesse item, além de Argentina e Chile, também o Paraguai aparece, embora nas exportações este parceiro do Mercosul não esteja tão abaixo da linha de corte⁸.

Importações da América Central e Caribe

Quanto às importações provenientes dos países da América Central e do Caribe, o montante é pouco relevante (US\$ 273.715.595), bem menor do que as exportações, sendo que o Panamá fica em segundo lugar atrás da pequena ilha de Trinidad e Tobago, que já aparecia à frente em

⁸ - As exportações para o Paraguai no primeiro quadrimestre de 2021 alcançaram US\$ 825.543.917, apresentando variação positiva de 35,73%, ligeiramente superior à da Argentina que foi de 32,73%.

importância no mesmo período de 2020. Todos estes países e territórios juntos representam somente 0,49% do total das importações brasileiras.

Para o que se propõe o presente documento, tais dados do comércio exterior já ilustram de forma razoável parte importante da relação entre as nações. Para estudo mais aprofundado seria necessário, no mínimo levar em conta o tamanho populacional dos países, as bases econômicas de cada um, a composição deste comércio por suas mercadorias, o PIB total e per capita, estes últimos em séries históricas para se compreender tanto aspectos estruturais quanto conjunturais, os últimos relacionados à combinação a oportunidades de negócios e decisões diplomáticas e político-legislativas.

Importações provenientes do México

Em relação às importações brasileiras provenientes do México, embora também sejam relevantes quanto as exportações, situaram o país da América do Norte como 9º principal fornecedor no primeiro trimestre de 2021 quando havia sido o 12º em igual período de 2020. A posição mudou melhor, bem como o próprio valor absoluto importado. Devido à complexidade da economia mexicana, é de se perguntar se as trocas entre os dois países poderia ser melhor do que tem sido.

Saldo comercial

Sob uma perspectiva um tanto simplista, o saldo comercial (diferença entre o valor das exportações e das importações) é interpretado com elevada frequência pelos governos nacionais como sendo o critério mais relevante porque significaria força (*saldo positivo*) ou fragilidade (*saldo negativo*) das transações comerciais⁹. Colocando em outras palavras, vender mais é muito mais importante do que comprar. Sem ignorar que saldos comerciais positivos sejam bem-vindos, os mesmos nem sempre traduzem a pouca relevância de determinadas exportações e nem a importância de muitas importações, as quais podem ser necessárias para contribuir para setores dinâmicos da economia como na indústria. Para os agentes econômicos individualmente envolvidos nestas operações esta questão não interessa diretamente, pois o que lhe afeta é o seu negócio. Porém, para os governos nacionais tais questões se constituem em fator significativo nas contas públicas e contabilidade nacional, a despeito de serem superestimados algumas vezes.

No quesito saldo comercial, a China também permanece na primeira colocação na importância para o Brasil nos valores de seus saldos tanto de 2021 (US\$ 13.705.506.272) e 2020 (US\$ 8.130.825.642), especialmente por se tratar de saldo positivo nos primeiros quadrimestres dos dois anos e de ter crescido. Porém, o mesmo não se passou com o EUA e a Argentina para os quais as posições no ranking despencam. Com o primeiro, o Brasil apresentou saldo negativo (- US\$ 2.810.671.401), conquanto bem menor do que no ano passado. E com a Argentina apresentou diminuto saldo positivo (US\$ 53.645.931).

E independentemente das posições, o Brasil teve saldo positivo com 179 países nesse primeiro quadrimestre de 2021, número ligeiramente maior que do ano passado (175).

⁹ - Se o saldo comercial é positivo significa que apresentou superávit; se negativo, que apresentou déficit. Enfim, todas as operações do comércio exterior integram o que se denomina *balanço de pagamentos* do país, que também abarca os serviços e inversões financeiras com o exterior.

Corrente de comércio

Analisando as mesmas variáveis que formam o saldo (exportações e importações), porém somando seus valores ao invés de subtraí-los, oferece-se ao analista perspectiva bem distinta. É como se desaparecesse a importância do sinal do saldo (positivo ou negativo), pois afinal os saldos são mais suscetíveis às conjunturas, valorizando-se o tamanho da relação comercial bilateral que tende a ser mais duradoura. Portanto, a importância se encontra em saber a soma é significativa.

Apresento a seguir os resultados da corrente de comércio do primeiro quadrimestre de 2021 os quais confirmam de forma clara e inequívoca quais são os países que tem sido relevantes nas trocas internacionais do Brasil.

TABELA 4				
<i>Corrente de comércio do Brasil nos primeiros quadrimestre (janeiro a abril) de 2021 e 2020 em dólares FOB, segundo os países, a diferença entre os mesmos períodos e a variação percentual entre os períodos, em ordem decrescente de 2021</i>				
PAIS	2021	2020	2021-2020	VARIAÇÃO EM %
China	41.547.287.418	32.407.717.436	9.139.569.982	28,20
Estados Unidos	18.632.371.439	18.444.367.197	188.004.242	1,02
Argentina	6.956.969.545	5.449.759.495	1.507.210.050	27,66
Alemanha	5.192.307.589	4.735.508.814	456.798.775	9,65
Coreia do Sul	3.585.170.881	2.575.664.514	1.009.506.367	39,19
Japão	3.320.435.732	2.898.937.986	421.497.746	14,54
Chile	3.169.787.311	2.142.006.273	1.027.781.038	47,98
Países Baixos (Holanda)	3.159.819.584	2.877.584.797	282.234.787	9,81
Índia	3.143.619.417	2.516.464.497	627.154.920	24,92
Itália	2.997.633.404	2.353.607.365	644.026.039	27,36
México	2.953.548.613	2.654.727.654	298.820.959	11,26
Espanha	2.376.293.282	2.398.968.575	-22.675.293	-0,95
França	2.285.109.854	2.183.172.717	101.937.137	4,67
Canadá	2.005.841.603	1.834.092.486	171.749.117	9,36
Paraguai	1.945.282.836	1.476.987.868	468.294.968	31,71
Malásia	1.899.756.127	1.273.146.794	626.609.333	49,22
Singapura	1.808.566.108	1.697.667.238	110.898.870	6,53
Bélgica	1.719.106.048	1.288.495.192	430.610.856	33,42
Reino Unido	1.714.668.951	1.597.028.133	117.640.818	7,37
Rússia	1.674.577.330	1.288.987.302	385.590.028	29,91
Vietnã	1.623.076.200	1.340.587.481	282.488.719	21,07
Colômbia	1.572.079.734	1.257.121.368	314.958.366	25,05
Arábia Saudita	1.477.053.724	1.196.394.251	280.659.473	23,46
Tailândia	1.417.228.479	1.178.762.160	238.466.319	20,23
Suíça	1.378.673.602	994.505.078	384.168.524	38,63
Indonésia	1.316.065.520	1.054.353.582	261.711.938	24,82
Turquia	1.261.701.808	1.097.593.733	164.108.075	14,95
Peru	1.257.553.956	873.611.705	383.942.251	43,95
Taiwan (Formosa)	1.222.450.615	1.030.592.756	191.857.859	18,62

Uruguai	1.109.222.514	913.323.200	195.899.314	21,45
SUB-TOTAL	125.723.259.224	105.031.737.647	20.691.521.577	19,70
DEMAIS PAISES (224)	20.272.231.870	17.397.956.553	2.874.275.317	16,52
TOTAL	145.995.491.094	122.429.694.200	23.565.796.894	19,25

Ou seja, China, EUA e Argentina são os países que tem sido de altíssima relevância no comércio exterior do Brasil, o que não significa que da terceira posição para baixo não se possa mudar. São 30 nações com as quais o país produziu comércio exterior no montante acima de US\$ 1 bilhão no primeiro quadrimestre de 2021. Na América do Sul, além da Argentina, encontram-se o Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Uruguai, sendo que com este último o Brasil apresentara transações abaixo deste piso no mesmo período de 2020. Portanto, seis países do continente propiciaram corrente de comércio acima deste valor, incluindo todos os sócios plenos do Mercosul.

A participação das nações e blocos no comércio do Brasil

E recorrendo a participação percentual de cada país no valor total da corrente de comércio fica ainda mais nítido o significado destes para o Brasil.

TABELA 5		
<i>Participação percentual individual e acumulada de países e blocos no valor total em dólares FOB da corrente de comércio do Brasil no primeiro quadrimestre de 2021</i>		
PAÍS	EM %	ACUMULADO %
China	28,46	28,46
EUA	12,76	41,22
América do Sul (1)	11,96	
América do Sul (2)	7,20	
Argentina	4,77	45,99
Alemanha	3,56	49,54
Coréia do Sul	2,46	52,00
Japão	2,27	
Holanda	2,16	
Chile	2,17	
Índia	2,15	
Itália	2,05	
México	2,02	
Espanha	1,63	
França	1,57	
Canadá	1,37	
Paraguai	1,33	
Malásia	1,30	
Singapura	1,24	
Bélgica	1,18	
Reino Unido da Grã-Bretanha	1,17	
Rússia	1,15	
Vietnã	1,11	
Colômbia	1,08	
Arábia Saudita	1,01	79,98
(1)-Incluindo Argentina; (2) – Excluindo Argentina		

A tabela 5 denota que somente 23 países e territórios de um total de 242 (isto é 9,5%) participaram com ao menos 1% de toda a corrente de comércio do Brasil. E a soma destes 23 significa 79,98% de tudo, ou seja, 80% por arredondamento. A participação conjunta dos países da América do Sul é expressiva, com (11,96%) ou sem (7,20%) a Argentina considerada, mas talvez pudesse ser bem superior.

Estudos sobre países da América do Sul

Este autor reconhece aumento expressivo em estudos brasileiros sobre os países da América do Sul nas últimas duas décadas, os quais compreendem áreas da ciência política (em menor medida), da história, geografia, economia e relações internacionais. Mas tem alguma segurança para afirmar que a produção é modesta (exceção, talvez da geografia física) quando se refere aos países menores e de fora do Mercosul, particularmente Equador, Guiana, Suriname e o território ultramarino da Guiana Francesa. Os três últimos países (considerando a Francesa como um país) têm merecido um pouco mais de atenção em tempos recentes dentre os pesquisadores das universidades federais dos estados limítrofes a estas nações, como do Amapá, Pará, Roraima e Amazonas.

Se não fosse por outros motivos a justificar o adensamento das investigações, basta dizer que o tamanho do Brasil e o fato de integrarem o mesmo continente já seriam suficientes. Soma-se o fato que tanto processos migratórios trouxeram para viver no Brasil pessoas que são de origem de todos os países sul-americanos, sendo a recíproca parcialmente verdadeira, quanto o fato de Brasil ter expandido negócios para todos estes lugares, e, possuir fronteira física com praticamente todos (exceto Chile e Equador). O campo disciplinar das ciências sociais, e da ciência política particularmente, tem muito a estudar e contribuir para tomadores de decisões, especialmente quando se leva em conta que no campo das relações exteriores há cada vez mais protagonismo por parte dos níveis de governo subnacionais.

A Fundação Alexandre Gusmão (FUNAG) é uma instituição de divulgação de produção de assuntos de interesse do campo das relações exteriores e ligada ao Instituto Rio Branco (IRB) do Ministério das Relações Exteriores. Em quatro décadas de existência tem feito notório esforço para ampliar o conhecimento sobre os países da América do Sul, tendo ciência que a despeito de conjunturas políticas específicas em cada país do continente, os tempos exigiam que os homens de governo e, sobretudo da diplomacia, passassem a conhecer bem melhor a vizinhança. No entanto, em seminário organizado no ano de 2012 para se debruçar sobre o continente com o título de *América do Sul e a Integração Regional*, com a participação de diplomatas brasileiros e estrangeiros, bem como de professores do IRI, houve delineamentos muito gerais sobre o assunto e de particular, mesmo, só o que envolve os países da América do Sul. No campo acadêmico estritamente falando, constato ainda que a produção é esparsa e a respeito de determinados países menores, como Guiana, produzida em universidades dos estados do Norte do País que fazem fronteira com esta nação vizinha.

Algumas considerações

Embora as relações internacionais do Brasil sejam realizadas historicamente e oficialmente pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), vários ministérios em maior ou menor medida atuam no campo internacional com maior ou menor articulação (ou maior ou menor autonomia), com o MRE independentemente do governo do momento. A atual Constituição Federal possibilitou muito o desenvolvimento da denominada *diplomacia federativa* pela qual estados e municípios, a depender seus interesses e necessidades, possam atuar também (em certa medida) no plano internacional em projetos de cooperação, tornando muito comum que vários destes entes possuam ao menos uma assessoria de relações internacionais quando não uma secretaria de relações internacionais, contando quase invariavelmente com a participação em seus quadros de diplomatas de carreira na ativa ou aposentados, bem assim profissionais formados em relações internacionais. Ou seja, em termos potenciais, o Brasil se apetrechou muito mais nos últimos anos para tirar o melhor partido das possibilidades de um mundo mais interdependente, conquanto nada substitua as relações internacionais conduzidas pelo governo federal e determinados acordos só podem ser firmados pelo próprio MRE.

A pergunta orientadora do presente documento não tem como produzir resposta conclusiva nos limites desse espaço pelo que no mesmo foi por mim exposto. Contudo, os dados do comércio exterior alinhavados, todos muito atuais, sugerem que os resultados do relacionamento do Brasil com os países da região ainda tem muito a crescer desde que se decida por explorar todas as possibilidades junto a sua sociedade do que pode ser incrementado nos mais diferentes segmentos das áreas econômica, científica, de segurança comum e da cultura. Há no entanto um indicador importante e simples na construção que traz resultados distintos: a corrente de comércio per capita. Quando a população do país é inserida, obtém-se realidade bem alterada. Na tabela 6 no anexo depara-se com Uruguai e Paraguai, dois vizinhos e sócios do Mercosul como os de melhor desempenho na corrente de comércio do Brasil. O Chile aparece em quarto lugar e a Argentina em quinto. Lembram-se da líder China. Bem, o gigante asiático fica em 17º lugar. E dos Estados Unidos (EUA)? Cai do segundo para o 10º lugar. Tudo isso é bem sugestivo quando este bloco completa 30 anos e passa por grande questionamento e proposta de flexibilização. Finalmente, revelar isso não quer dizer de forma alguma que os principais parceiros nos números absolutos deixem de ser muito importantes, mas sim a necessidade de se buscar mais eficiência.

***RUI TAVARES MALUF.** Professor da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo – Escola de Humanidades. É fundador e editor da consultoria e do site Processo & Decisão. Doutor em ciência política (USP). Mestre em ciência política (UNICAMP). Autor dos livros *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2011) e *Prefeitos na Mira* (2001), ambos pela editora Biruta. Autor de inúmeros artigos sobre política municipal, nacional e internacional do Brasil em relação aos países da América do Sul.

Referências bibliográficas e fontes de consulta

FAUSTO, Boris e Fernando Devoto. Brasil e Argentina. Um ensaio de história comparada (1850-2002). Editora 34. São Paulo. 1ª edição. 2004.

Collective territoriale de Guyane (CTG) – <http://www.ctguyane.fr>

Institute Nacional de la Statistique et des Études Econoiques (INSEE) – <http://www.insee.fr>

IBGE – <http://www.ibge.gov.br>

MALUF, Rui Tavares. *Relações Exteriores na América do Sul: responsabilidade de diplomatas de carreira ou de políticos*. Leviatã. Revista de Pós-graduação do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana (USP). São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/dcp/leviathan/index.php/leviathan/issue/view/4>

Ministério das Relações Exteriores do Brasil – <https://www.mre.gov.br> ;

Organização das Nações Unidas (ONU). United Nations (UN). <https://population.un.org/wpp/Download/Standard/Population/>

PIMENTEL, José Vicente de Sá (Org). *A América do Sul e a Integração Regional*. FUNAG. Brasília. 2012.

Secretaria de Comércio Exterior do Brasil – www.mdic.gov.br

World Meters. <https://www.worldometers.info/world-population/population-by-country/>

Anexo

TABELA 6			
<i>Corrente de comércio per capita em dólares FOB considerando os principais países em ordem decrescente de importância para o Brasil nas exportações, importações, corrente de comércio, países da América do Sul e alguns de outros continentes</i>			
PAIS	US\$ FOB 2021 1º Quadrimestre	POPULAÇÃO	PER CAPITA
Uruguai	1.109.222.514	3.473.730	319,32
Paraguai	1.945.282.836	7.132.538	272,73
Países Baixos (Holanda)	3.159.819.584	17.134.872	184,41
Chile	3.169.787.311	19.116.201	165,82
Argentina	6.956.969.545	45.195.774	153,93
Portugal	894.390.529	10.196.709	87,71
Coreia do Sul	3.585.170.881	51.269.185	69,93
Bolívia	812.749.128	11.673.021	69,63
Alemanha	5.192.307.589	83.783.942	61,97
Estados Unidos	18.632.371.439	331.002.651	56,29
Canadá	2.005.841.603	37.742.154	53,15
Espanha	2.376.293.282	46.754.778	50,82
Itália	2.997.633.404	60.461.826	49,58
Peru	1.257.553.956	32.971.854	38,14

França	2.285.109.854	65.273.511	35,01
Colômbia	1.572.079.734	52.882.891	29,73
China	41.547.287.418	1.439.323.776	28,87
Guiana	20.969.901	786.552	26,66
Japão	3.320.435.732	126.476.461	26,25
Reino Unido	1.714.668.951	67.886.011	25,26
México	2.953.548.613	128.932.753	22,91
Suriname	11.923.404	586.632	20,33
Equador	288.511.280	17.643.054	16,35
Venezuela	320.145.053	28.435.940	11,26
Angola	136.938.632	32.866.272	4,17
Índia	3.143.619.417	1.380.004.385	2,28
Guiné-Bissau	1.028.738	1.968.001	0,52
Moçambique	9.226.912	31.255.435	0,30
